



Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

Volume 19



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernando Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E82	Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde - volume 19. / Filipe Lins dos Santos. (Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2024. E-book: il. color. Inclui bibliografia ISBN: 978-65-6010-116-6 1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências da Saúde. I. Santos, Filipe Lins dos. II. Título. CDD 610
-----	--

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências da Saúde: estudos 610

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde da Coleção de livros Estudos Avançados em Saúde e Natureza



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Capítulo 11

INDICAÇÕES, CONTRAINDICAÇÕES E DESFECHOS CLÍNICOS DO USO DA EPISIOTOMIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA



INDICAÇÕES, CONTRAINDICAÇÕES E DESFECHOS CLÍNICOS DO USO DA EPISIOTOMIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

INDICATIONS, CONTRAINDICATIONS AND CLINICAL OUTCOMES OF THE USE OF EPISIOTOMY: AN INTEGRATIVE REVIEW

Marcus Vinicius da Silva Pereira¹

Antonio Joanderson Sousa Costa²

Eider Saraiva Sales³

Mara Mikaelly Santos da Silva⁴

Glauber Saraiva Sales⁵

Érica Santos Rocha⁶

Maycon Luis Piccini⁷

Diana Karla de Mesquita Silva⁸

Jandir Saraiva Sales⁹

Danilo Rodrigues Martins¹⁰

Jessica Silva Ferreira¹¹

Ricardo André da Silva Sousa¹²

-
- 1 Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês
 - 2 UFMA, Santa Inês (MA)
 - 3 UFMA
 - 4 Universidade Federal do Maranhão
 - 5 Farmácia - Florence
 - 6 UFMA
 - 7 Universidade privada Franz Tamayo
 - 8 Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês
 - 9 Hospital Universitário Getúlio Vargas- UFAM
 - 10 Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês
 - 11 Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês
 - 12 Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês



Resumo: Este artigo apresenta uma revisão integrativa sobre as indicações, contraindicações e desfechos clínicos do uso da episiotomia, com o objetivo de consolidar o conhecimento atual sobre a prática. A episiotomia, uma intervenção obstétrica realizada para facilitar o parto vaginal, foi amplamente utilizada de forma rotineira nas décadas passadas. No entanto, estudos recentes questionam a sua eficácia e segurança, especialmente quando realizada sem indicação específica. A revisão abrange uma análise das indicações mais frequentes, como casos de distocia e sofrimento fetal, e as contraindicações, destacando a importância do consentimento informado da parturiente. A prática indiscriminada de episiotomia tem sido associada a complicações significativas, como dor perineal persistente, infecções e traumas psicológicos, afetando negativamente a qualidade de vida das mulheres. Além disso, a prática pode configurar violência obstétrica, quando realizada sem necessidade ou sem a devida comunicação com a parturiente. Este estudo reforça a importância de uma abordagem criteriosa, alinhada com as recomendações da OMS, visando reduzir a frequência de episiotomias desnecessárias e promover um parto mais seguro e respeitoso.

Palavras chaves: Episiotomia, Indicações, Contraindicações, Desfechos clínicos, Violência obstétrica.

Abstract: This article presents an integrative review of the indications, contraindications, and clinical outcomes of episiotomy use, aiming to consolidate current knowledge about this practice. Episiotomy, an obstetric intervention performed to facilitate vaginal delivery, was once routinely applied but has recently been scrutinized for its efficacy and safety, especially when performed without specific indications. The review analyzes common indications such as dystocia and fetal distress, and contraindications, emphasizing the importance of informed consent. Routine episiotomy has been linked to



significant complications, including persistent perineal pain, infections, and psychological trauma, negatively impacting women's quality of life. Additionally, episiotomy can constitute obstetric violence when performed unnecessarily or without proper communication with the patient. This study underscores the need for a cautious approach aligned with WHO recommendations to reduce unnecessary episiotomies and promote safer, more respectful childbirth practices.

Keywords: Episiotomy, Indications, Contraindications, Clinical outcomes, Obstetric violence.

INTRODUÇÃO

A prática da episiotomia, uma incisão cirúrgica no períneo para alargar o canal de parto, tem raízes históricas que remontam ao século XVIII, quando foi introduzida como uma intervenção médica destinada a reduzir complicações durante o parto. Inicialmente, a episiotomia foi promovida como uma medida para prevenir lacerações perineais graves, proteger o feto de possíveis traumas durante o nascimento e facilitar partos instrumentais, como aqueles envolvendo o uso de fórceps (OLIVEIRA, 2024). A prática rapidamente ganhou aceitação e, ao longo do século XX, tornou-se uma intervenção padrão em muitos hospitais ao redor do mundo, especialmente nos países desenvolvidos.

À medida que o uso da episiotomia se tornava mais difundido, começaram a surgir questionamentos sobre sua eficácia e segurança. Estudos realizados nas décadas de 1980 e 1990 começaram a desafiar a suposição de que a episiotomia oferecia proteção contra lacerações graves e complicações perineais. Pelo contrário, as evidências sugeriam que a episiotomia poderia, de fato, aumentar o risco de lacerações de terceiro e quarto grau, além de estar associada a complicações como dor perineal prolongada, infecções, dispareunia e disfunção sexual (NUNES et al., 2019).

Essas descobertas levaram a uma reavaliação crítica da prática e a uma mudança nas diretrizes obstétricas em muitos países. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e outras entidades de saúde começaram a recomendar uma abordagem



mais restritiva ao uso da episiotomia, sugerindo que o procedimento fosse reservado para situações específicas em vez de ser realizado rotineiramente (Andrews et al., 2019). Esse movimento em direção à episiotomia seletiva foi impulsionado por estudos que demonstraram que, em muitos casos, a cicatrização de lacerações espontâneas é melhor do que a recuperação após uma episiotomia (Eason et al., 2018).

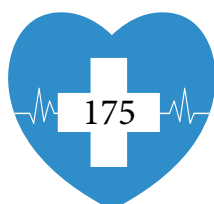
Além disso, as variações na prática da episiotomia entre diferentes países e regiões revelaram a influência de fatores culturais, econômicos e educacionais na adoção do procedimento. Por exemplo, enquanto países como os Estados Unidos e o Reino Unido observaram uma redução significativa nas taxas de episiotomia nas últimas décadas, em alguns países em desenvolvimento, a prática continua sendo comum, muitas vezes devido à falta de atualização nas diretrizes clínicas ou à insuficiência de treinamento dos profissionais de saúde (GEMMA, 2016).

Hoje, a prática da episiotomia está cada vez mais alinhada com os princípios da medicina baseada em evidências, que enfatizam a necessidade de individualizar a decisão de realizar o procedimento com base na situação clínica específica de cada parto. A história da episiotomia reflete uma evolução contínua na compreensão das melhores práticas obstétricas e destaca a importância de revisões críticas e constantes das intervenções médicas à luz de novas evidências.

METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão integrativa da literatura, cujo objetivo é examinar as indicações, contraindicações e desfechos clínicos associados ao uso da episiotomia durante o parto. A revisão integrativa é uma abordagem que permite a síntese de evidências e o desenvolvimento de novos conhecimentos sobre o tema estudado, promovendo uma compreensão abrangente e crítica do tema (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Para garantir a inclusão dos estudos mais relevantes e atualizados, a pesquisa foi realizada em bases de dados científicas, como PubMed, Scielo, e Lilacs, abrangendo o período de 2010 a 2021.



Os descritores utilizados para a busca foram “episiotomia,” “indicações da episiotomia,” “contraindicações da episiotomia” e “desfechos clínicos da episiotomia.” Os termos foram combinados com o uso de operadores booleanos “AND” e “OR,” conforme necessário, para otimizar os resultados e garantir uma cobertura ampla do tema.

Os critérios de inclusão foram: (1) artigos originais publicados em português, inglês ou espanhol; (2) estudos que abordassem especificamente indicações, contraindicações e/ou desfechos clínicos da episiotomia; e (3) artigos revisados por pares. Foram excluídos estudos que não apresentassem metodologia clara, revisões de literatura que não trouxessem dados clínicos novos e publicações duplicadas.

A seleção dos artigos ocorreu em duas etapas. Inicialmente, todos os títulos e resumos encontrados foram lidos para uma triagem preliminar. Em seguida, os artigos considerados potencialmente elegíveis foram analisados na íntegra para confirmar sua relevância e a presença dos critérios de inclusão. Ao final do processo, foram selecionados 7 artigos que atendiam aos critérios estabelecidos.

Os dados extraídos de cada estudo incluído na revisão foram organizados em uma tabela contendo as seguintes informações: autores, ano de publicação, país de realização do estudo, tipo de estudo, principais achados em relação às indicações, contraindicações e desfechos clínicos da episiotomia. A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, com foco em identificar e comparar os principais achados dos estudos, buscando similaridades e divergências nos resultados.

Para análise dos resultados, os estudos foram comparados com base em desfechos clínicos específicos, como taxa de laceração perineal grave, dor pós-parto, infecção, dispareunia e qualidade de vida pós-parto, conforme relatado nos artigos selecionados. Além disso, as indicações e contraindicações discutidas nos estudos foram classificadas de acordo com sua frequência e relevância clínica. As diferenças nos resultados foram discutidas à luz das características metodológicas e contextuais dos estudos, permitindo identificar possíveis fatores de variação nos desfechos observados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente revisão analisou 7 estudos primários que buscaram identificar os principais resultados dos estudos selecionados.

Quadro 1 – Quadro-síntese dos estudos incluídos para compor a amostra da presente revisão integrativa (n=7)

Autor(es) e Ano de Publicação	Título do Artigo	Objetivo Geral	Principais Conclusões do Estudo
Murena et al. (2023)	A prática da episiotomia no Brasil	Identificar a ocorrência de episiotomias, suas principais indicações e quando essa prática se torna uma violência	A episiotomia deve ser usada apenas em casos específicos como distocia ou sofrimento fetal e com o consentimento da parturiente. Observou-se que a episiotomia desnecessária causa sequelas e compromete a qualidade de vida das mulheres.
Nascimento et al. (2022)	A eficácia do balão inflável na redução de incidência da episiotomia nas mulheres primíparas	Conceituar a biomecânica do parto, identificar o perfil das mulheres que passaram por episiotomia e relatar a eficácia do Balão Inflável para evitar episiotomia	O uso do balão inflável Epi-no é eficaz na redução de episiotomia e lacerações perineais em primíparas, desde que haja acompanhamento profissional adequado.
Pelissari et al. (2022)	Prática da episiotomia: fatores maternos e neonatais relacionados	Analisar a incidência da episiotomia e os fatores maternos e neonatais relacionados	A incidência de episiotomia foi de 59,4%, com fatores como primiparidade, idade jovem e acompanhamento pré-natal relacionado à sua prática. Destaca-se a necessidade de desencorajar a prática de episiotomia de rotina.
Maciel et al. (2020)	Intervenções obstétricas realizadas no período expulsivo: Um destaque para episiotomia	Descrever o perfil sociodemográfico e obstétrico de parturientes e analisar a influência desses fatores na realização de episiotomia	A episiotomia esteve presente em quase metade dos partos assistidos, sendo mais associada a parturientes com ensino superior. Conclui-se que intervenções obstétricas desnecessárias ainda são frequentes e precisam ser revisadas.



Freitas et al., (2020)	Os limites entre a episiotomia de rotina e a violência obstétrica	Revisar o momento em que a episiotomia deixa de ser benéfica e se torna uma violência obstétrica	O índice de episiotomias no Brasil é superior ao recomendado pela OMS. A prática excessiva pode causar danos físicos e psicológicos e violar a autonomia das mulheres. Defende-se o uso criterioso e informado da episiotomia.
Maia et al. (2022)	Episiotomia e Suas Controvérsias no Ambiente Médico	Compreender as recomendações e consequências da episiotomia como prática obstétrica	Questiona-se a prática rotineira de episiotomia devido às complicações, como trauma perineal e infecções. Conclui-se pela necessidade de um uso limitado e seletivo para evitar danos desnecessários.

Fonte: O autor (2024)

O estudo de Murena et al. (2023) visa identificar as ocorrências de episiotomias no Brasil, explorando tanto as indicações clínicas quanto as práticas de intervenção que podem ser vistas como violência obstétrica. Já Nascimento (2022) foca na eficácia do uso do balão inflável Epi-no para reduzir a incidência de episiotomias, especialmente em mulheres primíparas, relacionando a biomecânica do parto à prevenção de traumas perineais. Pelissari et al. (2022), por outro lado, investigam a relação entre fatores maternos e neonatais e a incidência de episiotomia, buscando compreender o perfil de risco das parturientes. Maciel et al. (2020) ampliam essa análise com uma abordagem demográfica, analisando como fatores sociodemográficos influenciam a aplicação dessa intervenção. De Freitas et al. (2020) discutem os limites entre o uso benéfico e o excesso de episiotomia, enfatizando o conceito de violência obstétrica. Finalmente, Maia et al. (2022) investigam as controvérsias médicas relacionadas à episiotomia, questionando a prática rotineira e ressaltando as complicações frequentes associadas ao seu uso desnecessário.

Murena et al. (2023) e De Freitas et al. (2020) compartilham preocupações semelhantes em relação ao uso abusivo da episiotomia, sugerindo que a intervenção deveria ser restrita a casos de distocia ou sofrimento fetal. Ambos os estudos alertam que o uso indiscriminado de episiotomias resulta em sequelas para as mulheres, muitas vezes comprometendo a sua qualidade de vida. Essa perspectiva é corroborada por Maia et al. (2022), que questionam a prática rotineira de episiotomia ao



apontarem para complicações como traumas perineais e infecções.

Por outro lado, Nascimento (2022) oferece uma alternativa prática ao propor o balão inflável Epi-no como método para evitar a necessidade de episiotomia, especialmente em primíparas. O uso do Epi-no é justificado por sua capacidade de preparar o períneo para o parto, reduzindo o risco de lacerações. Este estudo destaca a importância de uma intervenção minimamente invasiva, que respeite a fisiologia natural do parto, em linha com as conclusões de Murena et al. (2023) sobre a importância de evitar intervenções desnecessárias.

Os fatores que influenciam a realização de episiotomias são discutidos extensivamente nos estudos de Pelissari et al. (2022) e Maciel et al. (2020). Pelissari et al. observam que a incidência de episiotomia em seu estudo foi de 59,4%, sendo mais comum em mulheres primíparas, jovens e com acompanhamento pré-natal. Este dado sugere que a prática ainda é frequente, mesmo em casos onde poderia ser evitada. Já Maciel et al. destacam que a episiotomia foi mais associada a mulheres com ensino superior, o que aponta para possíveis padrões culturais e sociais na aplicação dessa intervenção.

Esses achados levantam uma discussão sobre a necessidade de personalizar o atendimento obstétrico e de promover uma abordagem que leve em conta a individualidade de cada mulher, ao invés de aplicar práticas baseadas em convenções e rotinas. Nessa linha, Nascimento (2022) novamente ressalta a importância de alternativas como o Epi-no para minimizar a necessidade de episiotomia, especialmente em perfis de risco, como mulheres primíparas.

Um ponto em comum nos artigos de Murena et al. (2023), De Freitas et al. (2020) e Maia et al. (2022) é a discussão sobre a episiotomia como forma de violência obstétrica. De Freitas et al. ressaltam que o índice de episiotomias no Brasil está acima do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), indicando que a prática excessiva representa uma violação da autonomia das mulheres. Além disso, De Freitas et al. argumentam que a episiotomia sem o consentimento da parturiente pode causar danos físicos e psicológicos de longo prazo, algo que Murena et al. (2023) e Maia et al. (2022) também ressaltam.

Esses estudos mostram uma convergência na compreensão de que a episiotomia deve ser



uma escolha informada e consentida pela parturiente, reforçando a importância do respeito pela autonomia e pela integridade física da mulher. Essa visão sugere que o empoderamento das pacientes, através de informações e da participação ativa nas decisões, é essencial para prevenir abusos.

A análise dos estudos selecionados revela uma preocupação crescente com a prática excessiva de episiotomia no Brasil e os riscos associados a essa intervenção. É unânime entre os autores que a episiotomia deve ser uma intervenção restrita a casos específicos, como distocia e sofrimento fetal, sempre com o consentimento da parturiente. Além disso, os estudos destacam a importância de métodos alternativos, como o balão inflável Epi-no, que demonstrou eficácia na redução de episiotomias e lacerações perineais, conforme observado por Nascimento (2022).

A episiotomia é vista como uma intervenção que, se realizada sem justificativas clínicas adequadas e sem o consentimento da mulher, pode ser considerada uma forma de violência obstétrica, com impactos físicos e psicológicos duradouros. Essa visão é particularmente destacada nos estudos de Murena et al. (2023), De Freitas et al. (2020) e Maia et al. (2022), que alertam para a necessidade de revisão das práticas obstétricas e para a importância de políticas de saúde que promovam a autonomia da mulher.

O estudo de Pelissari et al. (2022) e Maciel et al. (2020) sugerem que, para reduzir a prática rotineira de episiotomia, é essencial considerar os fatores de risco individuais e o perfil demográfico das mulheres atendidas. Essas observações reforçam a importância de uma abordagem personalizada e fundamentada em evidências para a assistência obstétrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A episiotomia continua sendo uma prática comum no Brasil, apesar de evidências crescentes sugerirem que seu uso deve ser limitado a casos específicos. A revisão dos artigos mostra que a episiotomia, quando utilizada sem necessidade ou sem o consentimento da mulher, configura-se como uma forma de violência obstétrica, com efeitos adversos significativos para a saúde e o bem-estar das



parturientes. Por outro lado, alternativas como o uso do balão inflável Epi-no representam um avanço para práticas obstétricas menos invasivas e mais respeitosas.

Portanto, o presente estudo comparativo contribui para a compreensão dos desafios e das oportunidades na prática de episiotomia, ressaltando a importância de um atendimento obstétrico humanizado, centrado na mulher e em seu direito à autonomia sobre seu próprio corpo.

REFERÊNCIAS

DE FREITAS, Marcela Távora et al. Os limites entre a episiotomia de rotina e a violência obstétrica. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, v. 13, p. e4696-e4696, 2020.

DE OLIVEIRA MURENA, Agatha et al. A prática da episiotomia no Brasil. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 27, n. 9, p. 4865-4892, 2023.

GEMMA, Marina. Fatores associados à integridade perineal e à episiotomia no parto normal: estudo transversal. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

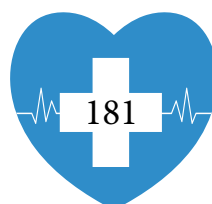
MACIEL, Caroline Teixeira et al. Intervenções obstétricas realizadas no período expulsivo: um destaque para episiotomia. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 4, p. 10583-10599, 2020.

MAIA, Amanda Rodrigues et al. Episiotomia e Suas Controvérsias no Ambiente Médico. *Revista Saúde Multidisciplinar*, v. 12, n. 2, 2022.

NASCIMENTO, ANDRESSA MORAES. A EFICÁCIA DO BALÃO INFLÁVEL NA REDUÇÃO DE INCIDÊNCIA DA EPISIOTOMIA NAS MULHERES PRIMÍPARAS. Disponível em: < <https://repositorio.pgsscogna.com.br/handle/123456789/44282>>

NUNES, Rodrigo Dias et al. Avaliação dos fatores determinantes à realização da episiotomia no parto vaginal. *Enferm Foco*, v. 10, n. 1, p. 71-75, 2019.

OLIVEIRA, Sara Filipa Martinho de. Períneo obstétrico: proteger e prevenir o trauma. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.



PELISSARI, Luana Carolina Back et al. Prática da episiotomia: fatores maternos e neonatais relacionados. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 24, p. 66517-66517, 2022.

SALES, Jandir Saraiva et al. CHALLENGES AND CONTROVERSIES IN OBSTETRICS: A REVIEW OF CURRENT EVIDENCE ON OBSTETRIC COMPLICATIONS AND THE USE OF OCYTOCIN IN LABOR AND DELIVERY. Health and Society, v. 3, n. 04, p. 01-15, 2023.



